



Ninguém quer conversa

Donald Trump e o chanceler iraniano descartam a ideia de abrir negociações para deter a guerra, que entra na terceira semana causando ansiedade nos mercados. Teerã adverte aliados dos EUA a não interferirem

Na expectativa ansiosa pela abertura da semana nos mercados internacionais, sobretudo os de commodities, Estados Unidos e Irã sinalizaram ontem disposição para seguir com a troca de ataques na guerra que se alastra no Oriente Médio e afeta diretamente as cotações do petróleo. Com a navegação virtualmente interdita no Estreito de Ormuz, vital para o escoamento do óleo extraído na região do Golfo Pérsico, o presidente Donald Trump manifestou desprezo por acenos de acordo que alega ter recebido. O chanceler iraniano, Abbas Araghchi, não apenas desmentiu qualquer abertura ao diálogo, como advertiu aliados de Washington sobre os riscos de atenderem ao chamado da Casa Branca para que ajudem a restabelecer o tráfego de petroleiros.

“O Irã quer fechar um acordo, mas eu não quero fazê-lo, pois as condições ainda não são boas o suficiente”, disse Trump em entrevista à emissora norte-americana NBC. O presidente reafirmou sua satisfação com o progresso das ações militares, e ressaltou em especial a alegada “destruição completa” das instalações de armazenamento e exportação de petróleo na estratégica ilha iraniana de Kharg, próxima ao estreito. “Se eu quiser, posso mandar bombardear de novo, só por diversão”, provocou.

A resposta veio pela voz do chefe da diplomacia de Teerã, em outra emissora dos EUA, a CBS. “Não vemos razão para conversar com os americanos, pois já estávamos conversando com eles quando decidiram nos atacar”, disse Araghchi. O chanceler recordou que, dias antes do início da ofensiva coordenada entre Washington e o aliado Israel, ele mesmo participava de negociações com emissários de Trump sobre o programa nuclear iraniano — a exemplo do que ocorrera em meados do ano passado, quando instalações relacionadas à atividade foram bombardeadas pelos dois adversários.

Henry Nicholls/AFP



Bombardeiro dos EUA é carregado em base no Reino Unido para atuar em missão contra o Irã: conflito se alastra dia após dia



O Irã quer um acordo, mas eu não quero fazê-lo, pois as condições ainda não são boas o suficiente”

Donald Trump, presidente dos EUA



Não temos razão para conversar com os americanos, pois estávamos conversando com eles quando decidiram nos atacar”

Abbas Araghchi, chanceler do Irã

Ormuz, em especial, levaram Trump, no sábado, a convocar “outros países afetados por essa restrição artificial” a enviarem forças-tarefas aeronavais para reforçar a presença militar norte-americana no Golfo. Mencionou China, França, Japão e Reino Unido.

Ontem, porém, o secretário de Energia dos EUA, Chris Wright, relativizou o impacto do conflito sobre o mercado do petróleo, em prazo mais longo. “É verdade que estamos passando por este período de perturbação de curto prazo”, ponderou, em entrevista ao programa *This Week*, da rede ABC News, embora tenha apoiado a ofensiva no Oriente Médio. “É melhor fazê-lo agora do que enfrentar um Irã com armas nucleares”, afirmou Wright.

Ano-novo persa

Numa demonstração aparente de que a guerra entra pela terceira semana já parcialmente incorporada ao cotidiano dos países mais diretamente afetados, Teerã vivenciou um domingo (dia útil, no país) relativamente normal. O trânsito se mostrava mais intenso do que na semana anterior, e alguns cafés e restaurantes estavam abertos. No Bazar de Tajrish, na zona norte da capital iraniana, mais de um terço das lojas estavam abertas, a apenas cinco dias da celebração do Nowruz, o ano-novo persa.

O trânsito estava mais intenso do que na semana anterior, e alguns cafés e restaurantes estavam abertos. No Bazar de Tajrish, na zona norte da capital, mais de um terço das lojas estava aberto a apenas cinco dias do Nowruz, o ano-novo persa. Consumidores faziam filas para sacar dinheiro em caixas eletrônicos e também em paradas de ônibus, praticamente desertas nos primeiros dias do conflito.

Mais de 1.200 pessoas morreram no Irã desde 28 de fevereiro, segundo o Ministério da Saúde. A agência da ONU para refugiados afirma que mais de 3 milhões de pessoas foram deslocadas de suas casas para outras regiões do país.

Família palestina morta por Israel

À margem da guerra com o Irã e seus desdobramentos na fronteira com o Líbano, Israel segue em ofensiva no território palestino (ocupado) da Cisjordânia, onde ontem soldados mataram um casal e os dois filhos, em um incidente não totalmente esclarecido na cidade Tammum.

Uma equipe do Crescente Vermelho Palestino recuperou os corpos em um veículo atingido por disparos das forças israelenses. Segundo o Ministério da Saúde da Autoridade Palestina, que tem autonomia limitada sobre o território, a pasta, tratava-se de um homem de 37 anos, uma mulher de 35 e duas crianças, de 5 e 7 anos,

todos com ferimentos à bala. A agência oficial palestina Wafa informou ainda que outros dois filhos do casal, de 8 e 11 anos, ficaram feridos por estilhaços durante o ataque.

O Exército israelense não comentou diretamente as acusações, mas confirmou as mortes. Em comunicado conjunto com a polícia, afirmou que o episódio ocorreu durante uma operação para “prender suspeitos de envolvimento em atividades terroristas contra as forças de segurança”. Segundo os militares, o veículo acelerou na direção dos soldados, que responderam abrindo fogo.

A operação faz parte de uma campanha iniciada em novembro pelo Exército israelense contra grupos armados no norte da Cisjordânia, especialmente na região de Tubas. Autoridades palestinas e a ONU vêm registrando das mortes no território, ocupado por Israel desde 1967. Desde o início de março, pelo menos seis palestinos morreram em ataques atribuídos, principalmente, a colonos israelenses.

Na Faixa de Gaza, nominalmente governada pelo movimento islâmico Hamas, o Ministério do Interior confirmou nove mortes em mais um bombardeio israelense, a despeito do cessar-fogo em vigor

após dois anos de guerra. A Defesa Civil do território relatou outro bombardeio israelense, sobre o campo de refugiados de Nuseirat. Segundo o porta-voz do Hamas, Hazem Qasem, “quatro civis, entre eles uma mulher grávida”, faleceram no ataque.

O Exército israelense declarou que estava “verificando” as informações sobre os dois bombardeios. Uma delegação do Hamas no Cairo reuniu-se ontem com o diplomata búlgaro Nikolai Mladenov, nomeado pelos Estados Unidos. Segundo uma fonte do movimento, foram discutidas “as claras incursões e crimes israelenses em curso”.

Zain Jaafar/AFP



Palestinos sepultam civil morto por colonos na Cisjordânia

FRANÇA

Eleições municipais reafirmam polarização

O primeiro turno das eleições municipais, na França, confirmou ontem a polarização do país entre os dois campos da oposição ao presidente centrista Emmanuel Macron, e os resultados servem como termômetro para a disputa presidencial de 2017, quando Macron deixará o Palácio do Eliseu ao fim do segundo mandato. A extrema-direita, que tem na linha de frente Marine Le Pen,

consolidou os avanços dos últimos anos e saiu em vantagem para contestar importantes prefeituras no sul do país, como as de Toulon e Nîmes. A esquerda, por seu lado, mantém a expectativa de manter o comando de Paris, que governa há 25 anos, e deve lutar voto a voto contra o candidato de Le Pen em Marselha, segunda maior cidade do país.

O sistema eleitoral francês prevê

segundo turno, no próximo domingo, caso nenhum candidato tenha obtido maioria absoluta. Como são qualificados todos os que tenham superado a marca de 10%, as principais disputas serão decididas pelas alianças a serem negociadas nos próximos dias. Os números iniciais, porém, confirmam a expectativa, para o próximo ano, de uma campanha polarizada

entre o Reagrupamento Nacional, de Le Pen, e um rival da esquerda. A legenda de Macron, castigada na eleição parlamentar antecipada de 2024, larga em desvantagem, a despeito da vitória, em Le Havre, do ex-premiê Édouard Philippe, pretendente à vaga do bloco macronista na corrida pelo Eliseu.

Na capital, o vencedor do primeiro turno foi o deputado

Emmanuel Grégoire, do Partido Socialista, que larga em vantagem para o tira-teima, em que terá como principal adversária a direita Rachida Dati, ex-ministra da Cultura. Grégoire, no entanto, terá de contar com os votos da França Insubmissa (LFI, esquerda radical), embora o PS rejeite qualquer aliança com a sigla. O líder da LFI, Jean-Luc Mélenchon, festejou o

“claro avanço” da legenda e reforçou o chamado a alianças no campo da esquerda para “derrotar a extrema-direita e o macronismo”.

Com a saída de cena da prefeita socialista Anne Hidalgo, Paris tornou-se a joia da coroa para a direita dita clássica, que aposta em Rachida Dati para recuperar o governo da cidade, posição inédita para esse campo político no século 21.